



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO- CEDUC
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**MULHER E EDUCAÇÃO: A CONSTRUÇÃO DO MAGISTÉRIO ATRAVÉS DO
EXERCÍCIO PROFISSIONAL DA PROFESSORA MARIA DO SOCORRO AMORIM**

IRIS SOARES DE FARIAS

**CAMPINA GRANDE-PB
2016**

IRIS SOARES DE FARIAS

**MULHER E EDUCAÇÃO: A CONSTRUÇÃO DO MAGISTÉRIO ATRAVÉS DO
EXERCÍCIO PROFISSIONAL DA PROFESSORA MARIA DO SOCORRO AMORIM**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao
Curso de Graduação em Pedagogia da
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) como
requisito essencial para obtenção do Grau de
Licenciada em Pedagogia.

**Orientadora: Prof. Dr^a. Lígia Pereira dos
Santos**

**CAMPINA GRANDE-PB
2016**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

F224m Farias, Iris Soares de

Mulher e educação [manuscrito] : a construção do magistério através do exercício profissional da Professora Maria do Socorro Amorim / Iris Soares de Farias. - 2016.

32 p. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2016.

"Orientação: Profa. Dra. Lígia Pereira dos Santos, Departamento de Educação".

1. Mulheres na Educação 2. Educação Feminina 3. Educação 4. Professor 5. Formação Docente I. Título.

21. ed. CDD 305.43

**MULHER E EDUCAÇÃO: A CONSTRUÇÃO DO MAGISTÉRIO ATRAVÉS DO
EXERCÍCIO PROFISSIONAL DA PROFESSORA MARIA DO SOCORRO AMORIM**

IRIS SOARES DE FARIAS

Nota

8,5

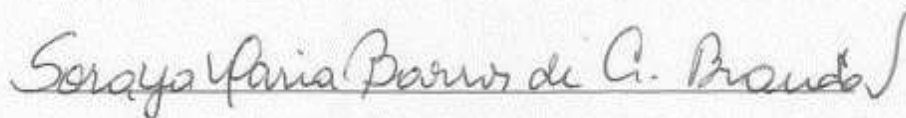
Aprovada em

25/05/2016

BANCA EXAMINADORA:



Prof. Dr.ª Ligia Pereira dos Santos
Orientadora



Prof. Dr.ª Soraya Maria Barros de Almeida Brandão
Examinadora



Prof. Dr.ª Glória Maria Leitão de Souza Melo
Examinadora

**CAMPINA GRANDE – PB
2016**

Dedico, inicialmente, a Deus que é o autor e consumidor da minha fé, sem Ele nada poderia ser realizado; ao meu esposo Luiz Ozélio de Carvalho filho, por tão grande apoio para que eu alcançasse o êxito desse trabalho e, ao meu filho Davi Luiz que continuará a nossa história.

“Certa ocasião, Jesus curou dez leprosos, mas só um daqueles voltou agradecido. Parece que o Senhor ficou esperando que os outros ex-leprosos voltassem para agradecer quando disse: não eram dez os que foram curados? Onde estão os outros nove?”.

(Lucas 17:17)

“Em tudo daí graças, porque esta é a vontade de Deus em Cristo Jesus para conosco”

(I- Tessalonicenses 5:18)

AGRADECIMENTOS

Registro o meu agradecimento ao meu Deus trino: o Pai, o Filho e o Espírito Santo, o Único, Eterno, Amoroso e Imutável, o centro da minha inspiração, no qual busco sempre consolo e forças para prosseguir na caminhada da vida.

À minha professora e orientadora Dr^a. Lígia Pereira dos Santos que é uma mulher responsável e dedicada à educação e à história, que me incentivou muito para a conclusão desse trabalho.

À banca, nas pessoas das professoras e Dr^a. Soraya Maria Barros de Almeida Brandão e Dr.^a Glória Maria Leitão de Souza Melo por terem aceito o convite.

Aos docentes do curso de Pedagogia, cujos ensinamentos levarei por toda minha existência.

Aos amigos que Deus permitiu, no decorrer desses anos acadêmicos, que se tornassem mais chegados que irmãos. O meu sentimento é de alegria por ter compartilhado com vocês uma das melhores épocas da minha vida: Elizandra Montenegro, Kalienne Fernanda, Vanessa Villela e Layse Chaves de Farias, amo vocês.

Aos meus pais, Rosinalva Soares de Farias e José Alfredo de Farias Filho, pelo exemplo de vida, pela base, pelo amor, pelo carinho, pela dedicação e pelo apoio incondicional.

Aos meus sogros Luiz Ozélio de Carvalho e Maria da Conceição Vaz de Carvalho, pelas inúmeras vezes que cuidaram do meu filho, Davi Luiz Farias de Carvalho, para que eu pudesse assistir às aulas.

Por fim, agradeço a todos que contribuíram e que fazem parte da realização e consumação desse sonho.

Muitas vezes, a palavra que esboçamos como agradecimento é apenas um tratamento convencional obrigatório. Não quero me fazer esquecida daqueles que sempre estiveram torcendo pela minha vitória e deixando marcas profundas em minha história de vida.

Portanto, digo que não é fácil chegar até aqui. São inúmeros obstáculos superados para que, finalmente, cheguemos a esse ponto. Então, o coração só pode estar cheio de gratidão e aqui expresso um pouco desse sentimento que transborda.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo reconhecer a importância da contribuição feminina na educação, através da vivência educacional da professora Maria do Socorro. Registramos, para operacionalização desta pesquisa, o caminho profissional percorrido pela professora, enfatizando a sua carreira na docência, suas experiências, seu cotidiano, os obstáculos enfrentados em sua época e a sua determinação, nos conduzindo a refletir sobre a educação e o trabalho feminino. Assim, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, com base em estudo de caso, sobre a educação feminina e recolhidos dados biográficos da Professora Maria do Socorro Rodrigues Amorim, para fundamentarmos à luz dos teóricos Araújo (2010), Libâneo (2001), Cambi (1999), entre outros. O universo da pesquisa envolveu o cenário da Escola Normal Pe. Emídio Viana Correia, local onde a educadora em questão atuou. Através das pesquisas realizadas, percebemos como resultados que a luta das mulheres em busca de seus direitos como cidadãs foi árdua, que os preconceitos sempre existiram e que alguns perduram ainda na sociedade. Entendemos, enfim, que o trabalho feminino e a educação são um processo de construção da dominação masculina; porém, cabe aos docentes questionarem a ordem estabelecida e permanecerem na luta, enfrentando os obstáculos profissionais, superando limites e exercendo a sua profissão escolhida com plena dedicação e esperança de vislumbrar a equidade social.

Palavras-Chave: Educação. Mulher. Docência. Experiência.

ABSTRACT

This paper aims to conduct a historical recostituição the implementation of the Normal School in Brazil. Recorded for operationalization of this research, the professional path taken by Professor Maria do Socorro Rodrigues Amorim, emphasizing his career in teaching, their experience, their everyday life, faced obstacles in his time and his determination, leading us to reflect on education and women's work. Thus, a bibliographic research on female education and collected biographical data of Professor Maria do Socorro Rodrigues Amorim was held for the fundamentarmos the light of theoretical Araújo, Libânio, Cambi, among others. The universe of research involved the setting of the Normal School Pr. Emidio Viana belt, where the teacher in question worked. Through the conducted research, realized as a result, the struggle of women in pursuit of their rights as a citizen was arduous, that prejudice always existed and that some still persist in society. We understand at last that women's work and education are a male-dominated construction process, but it is up to teachers to question the established order and stay in the fight, facing the professional obstacles, overcoming limits and exercising their chosen profession with full dedication and hope envision social equity.

Key Words: Education. Woman. Occupation. Experience.

LISTA DE SIGLAS

CFE	Conselho Federal da Educação
CNE	Conselho Nacional da Educação
MEC	Ministério da educação
FBPF	Federação Brasileira para o Progresso Feminino
UEPB	Universidade Estadual da Paraíba
UFCG	Universidade Federal de Campina Grande
UFPB	Universidade Federal da Paraíba
UVA	Universidade do Vale do Acaraú

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I: O CENÁRIO DO MUNDO FEMININO E A EDUCAÇÃO	11
1.1 O CONTEXTO FEMININO NA EDUCAÇÃO E NO MERCADO DE TRABALHO....	13
1.2 A CONTRUÇÃO DE IDENTIDADE DE GÊNERO.....	15
CAPÍTULO II: UM BREVE HISTÓRICO DA ESCOLA NORMAL	18
2.1 CONHECENDO A ESCOLA NORMAL	21
2.2 A ESCOLA NORMAL EM CAMPINA GRANDE FECHA AS CORTINAS DO PEDAGÓGICO	23
CAPÍTULO III: METODOLOGIA	25
3.1 A PESQUISA QUALITATIVA	25
CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
REFERÊNCIAS.....	30
APÊNDICES	31
ANEXOS.....	37

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo reconhecer a importância da contribuição feminina na educação, através da vivência educacional da Professora Maria do Socorro Rodrigues Amorim, atualmente aposentada.

Veremos também um breve relato da história do surgimento das Escolas Normais, que são instituições de formação de docentes, onde surgiu no Brasil previsto pela Lei Provincial de 1835. A Primeira Escola Normal brasileira foi criada em Niterói. O movimento de criação dessas Escolas esteve marcado por diversos movimentos de afirmação e de reformulações.

Para tanto, representamos nesse trabalho a história da professora Maria do Socorro Rodrigues Amorim, que dedicou sua vida à carreira de ensinar e aprender, influenciando vidas, mudando destinos, fazendo história a partir de sua profissão, e superando obstáculos de uma mulher e mãe inserida no mercado de trabalho. Analisaremos também o contexto histórico em que a mulher estava inserida nas décadas de 1930 e 1950. Percorrendo os locais que ajudaram a professora Maria do Socorro Rodrigues Amorim a construir a sua história de vida como mulher e profissional, entenderemos como ela pode influenciar as pessoas ao seu redor com sua posição e incentivo. As mudanças ocorridas em sua época de atuação para os dias atuais promovem a reflexão sobre a mulher, seu papel na sociedade e os rumos da educação.

Assim, consideramos que, olhando para o passado, podemos entender o presente e projetar um futuro. Devido a registros de memórias, podemos gerar expectativas quanto ao amanhã, o que dá sentido às nossas ações e às nossas escolhas. Esperamos abrir novas discussões em relação ao papel da mulher na sociedade e novas reflexões acerca da educação.

Nosso trabalho está dividido em capítulos. No capítulo I, *O cenário do mundo feminino e a educação*, abordamos o contexto e percurso da mulher na educação e no mundo do trabalho. O capítulo II, *Um breve histórico da escola normal*, fizemos uma contextualização da Escola Normal, sua trajetória na educação, assim como a sua atual situação frente ao desafio de uma educação pedagógica. No capítulo III, *Metodologia*, mostramos de forma sucinta as etapas da elaboração do trabalho desenvolvido.

CAPÍTULO I

O CENÁRIO DO MUNDO FEMININO E A EDUCAÇÃO

Os valores patriarcais na cidade de Campina Grande (PB), entre os anos de 1930 e 1950 eram os que predominavam, agregando-se a eles uma sociedade moderna e liberal. Essa transição não aconteceu repentinamente, houve muita luta principalmente no que diz respeito à questão das mulheres.

O pensamento era de que a mulher deveria ter o mínimo de estudo, apenas a educação básica, seu objetivo era casar, ser mãe e uma boa dona de casa. Para o padrão da burguesia, uma mulher decente seria uma mulher discreta, contida em suas ações e palavras, com roupas decentes, ou seja, sem nenhum decote, sem perfumes extravagantes ou maquiagem em excesso, além de nunca sair sozinha, principalmente à noite e não deveria cogitar a possibilidade de trabalhar fora de casa, pois essa seria uma responsabilidade exclusiva do homem.

O seu papel fundamental era ser obediente aos pais ou aos irmãos mais velhos, ser “prendada” e exercer com zelo todas as atividades do lar; deveria manter intacta a sua honra, pois esse seria seu maior sinal de mulher íntegra e ideal para casar, prosseguindo assim uma esposa sempre submissa.

Ser mulher não era tão fácil nessa época, principalmente no Estado da Paraíba, onde as influências da modernidade, que invadiam as grandes capitais, passavam por longe. De uma forma geral, as grandes metrópoles queriam seguir os modelos europeus que eram o padrão de modernidade, principalmente os estilos inglês e francês, no que diz respeito ao cotidiano, moda e costumes. Ligadas a essa mudança vieram as ideias de romper com uma sociedade de valores atrasados.

Na Paraíba, as pessoas eram muito tradicionais e bastante ligadas aos costumes e valores patriarcais, nem sempre o que era imposto era aceito pelas mulheres. A partir disso surgiam os conflitos: quando a mulher não se contentava com esse destino escrito pelos pais e esboçava a vontade de ir além de casar e ter filhos.

Havia o desejo de estudar e de ser ativa na sociedade, de ter seus direitos, votar, trabalhar, isso era visto na época como uma forma de invasão da mulher no mundo que era restrito apenas aos homens. Assim, ela esbarrava no preconceito da sociedade que não a percebia como uma cidadã e sim como uma dona de casa.

O cenário que aparecia não questionava apenas as relações homem/mulher, mas visava ajudar o próprio Estado em conseguir um progresso feminino. Essa questão de inferiorização da mulher, que relegava a mulher somente ao espaço do lar, não fazia mais sentido. Pois,

A medicina do sec. XIX afirmava que a fragilidade, o recato e o predomínio das faculdades afetivas sobre as intelectuais eram características biologicamente femininas, assim como a subordinação da sexualidade ao instinto maternal (SOIHET, 2004, p.15).

Mesmo sendo vítima de piadas, a luta para conseguir seu espaço e seus direitos se espalhou em todo o Brasil, os frutos foram aparecendo em 1932 quando o então presidente da República, Getúlio Vargas, aprovava o novo código eleitoral dando às mulheres, finalmente, o direito de votar e serem votadas. Foi sem sombra de dúvidas um grande passo, mas a luta não parava por aí, era preciso ir muito mais além.

Elevemos a mulher ao eleitorado; ela é mais discreta que o homem, mais zelosa, mais desinteressada. Em vez de a conservarmos nesta injusta minoridade, convidemo-la a colaborar com o homem na oficina da política. Que perigo pode vir daí?. (JOFFILY, 1980, p.43).

A luta pelo voto feminino aqui no Brasil tem como destaque Bertha Lutz, a qual fundou a Federação Brasileira para o Progresso Feminino (FBPF). Ela era uma pessoa engajada na busca dos direitos da mulher, havia apenas um detalhe: era de família nobre, filha de um dos grandes biólogos brasileiros, Adolfo Lutz, que tinha trânsito livre no governo, por essa razão nota-se que a causa defendida por Bertha era elitista, pois apenas as mulheres que fossem instruídas e que tivessem participação nos movimentos em prol da emancipação poderiam votar. Em 1929, a pessoense Isabel Iracema Feijó da Silveira é a primeira mulher a receber o título de eleitor, e votar no ano seguinte.

A reação masculina foi negativa perante tanta mudança. Não podia ser diferente. Eles faziam apelo à volta das mulheres ao lar. Estas, por sua vez, queriam progredir ainda mais, aderindo aos novos tempos e à onda de modernização que invadia o País e, em especial, à Paraíba entre as décadas de 1920 e 1940.

Para capacitação ao trabalho surgia o Curso de Datilografia que, mesmo não sendo um curso superior, abria portas para oportunidades de emprego em vários segmentos sociais. Mesmo sendo criticadas e satirizadas com frequência, sendo consideradas anormais e correndo o risco de serem mal faladas pelo resto da vida, as mulheres seguiam firmes em seus

objetivos e ideais superando o preconceito e quebrando barreiras, buscando lecionar e contribuir na sociedade.

As mulheres que não pertenciam às elites não tinham direito ao voto por não terem acesso à instrução, então as únicas opções de trabalho que elas encontravam eram de lavadeira, passadeira, benzedeira, doceira, empregada doméstica e assim por diante. As que nasceram em condições sociais mais bem colocadas encontraram uma chance, enfrentaram o preconceito e buscaram um curso superior para poder trabalhar, a exemplo da Professora Socorro Amorim, não porque dependeriam do seu dinheiro para sobreviver, mas porque viveria uma realização pessoal.

O curso que era permitido para as mulheres que queriam estudar era o da Escola Normal, fundada em 1880, na Parahyba do Norte (atual João Pessoa). Mesmo sendo permitido, os homens ainda criticavam em demasia e não viam utilidade em estudar o magistério, pois diziam que isso desviava a mulher de sua principal função, que era ser esposa, dona de casa e mãe, para daquele modo perpetuar a dominação masculina.

Nas décadas de 1930 e 1940, em Campina Grande, vivia-se um período de modernização da cidade, onde avenidas foram abertas, praças construídas, ruas alinhadas, dando início ao saneamento básico e, paralelo às mudanças arquitetônicas, surgiam as mudanças educacionais

Em 1941, inserida nesse contexto, nasce Maria do Socorro Amorim, no distrito de Galante, filha de uma família de três irmãos, sendo duas mulheres e um homem. Estudou na escola MonSenhor Sales, terminando o primário e vindo morar em Campina Grande onde começa a se delinear a sua história, como exemplo de mulher guerreira e a frente de seu tempo.

A maior parte de sua carreira foi dedicada a lecionar na Escola Normal aqui em Campina Grande, onde por ela passaram várias histórias de vida como ela bem narrou. O caso de sua antiga professora que, porventura, passou a ser a sua aluna, pois foi se capacitar estudando na escola Normal. A capacitação era uma possibilidade para uma remuneração mais digna para aposentadoria. Seu cotidiano era rodeado de vidas com histórias distintas, lidava com discentes de faixa etária diversas, mulheres jovens, idosas, gestantes, guerreiras que buscavam de alguma forma uma luz no fim do túnel.

As disciplinas lecionadas pela professora Maria do Socorro na Escola Normal eram: Psicologia geral, Psicologia Especial, Psicologia Aplicada, Sociologia da Educação e Filosofia da Educação, consideradas primordial para o exercício do Magistério nas séries iniciais.

Segundo ela, a forma de planejar as aulas já era bem interdisciplinar e os assuntos a serem pautados em sala eram combinados entre todos os docentes para que houvesse uma ligação entre os conteúdos e o cotidiano. Para a professora, a aprendizagem deve levar em consideração a bagagem do discente, o mundo de informação que cerca a todos deve estar inserido no contexto da sala de aula, como a exemplo, começar uma discussão em sala a partir de um episódio da novela, noticiário etc., era considerado bastante válido durante seu exercício profissional.

Com isso, percebemos como a didática utilizada em seu desempenho da função já era bastante moderna, fugia do tradicionalismo ainda muito forte que existia na maneira de ensinar em várias escolas da época.

1.1 O CONTEXTO FEMININO NA EDUCAÇÃO E NO MERCADO DE TRABALHO

Não é necessário fazer uma pesquisa muito profunda para perceber que a maioria dos profissionais que atuavam e atuam na docência das crianças é composta pelo sexo feminino. Segundo Cerisara (2002, p. 28),

A constatação de que essa profissão tem sido marcada por uma naturalização do feminino, quando enfatizado o predomínio de mulheres como profissionais dessas instituições, significa a compreensão de que a categoria gênero é uma dimensão decisiva da organização da igualdade e desigualdade em nossa sociedade.

É como se existisse uma ligação direta entre mãe-casa, professora-escola, a influência sociocultural é muito forte nesse processo de compreender o conceito de gênero nessa profissão.

As meninas recebem desde cedo os estímulos sociais para que permaneçam em suas posições tradicionais de submissão, domesticidade, passividade e dependência; mudar esse quadro dentro de uma sociedade de denominação masculina é enfrentar preconceitos e adentrar em um mundo onde ficará clara a desigualdade e desvalorização do trabalho feminino. Além de enfrentar um conflito entre uma realização profissional, a mulher terá que conciliar uma segunda jornada, exercer o papel de dona de casa, estar casada e cuidar dos filhos, pois essa função está atrelada totalmente à sua identidade. Assim,

Tomar consciência de sua condição subalterna de gênero pode contribuir para que esta profissional se dê conta do seu papel como agente reprodutor, mas também transformador do cotidiano das instituições de educação infantil. (BRUSCHINI E AMADO, 1988, p. 11).

A nossa entrevistada, a professora Maria do Socorro Rodrigues Amorim, de 73 anos, natural do distrito de Galante na Paraíba, passou por esse processo de jornada dupla, em que tinha que agregar à sua profissão a responsabilidade de ser esposa, dona de casa e mãe. Ela confessa não ter sido fácil, mas era necessário para que não deixasse sua carreira de lado, tinha que se “virar” como dava, deixando os filhos com a avó ou, muitas vezes, com a colaboradora. Mas, como uma exceção de sua época, ela contava com o incentivo e apoio do seu marido para sua atuação profissional.

Experiências vividas e contadas como as da professora de nossa pesquisa nos servem de referência e testemunho para continuarmos lutando por um espaço mais justo dentro da sociedade, e nos serve de incentivo para, também, conciliarmos as múltiplas funções atribuídas à mulher no cenário social brasileiro.

É justamente a atividade da memória a focalização do passado que anima o presente e o condiciona como também o reconhecimento das suas possibilidades sufocadas ou distantes ou interrompidas, e, portanto das expectativas que se projetam do passado-presente para o futuro, que estabelece o horizonte de sentido de nossa ação, de nossas escolhas. (CAMBI, 1999, p.35).

A docência na vida da professora Maria do Socorro, segundo ela, não veio como uma escolha profissional, e sim, como uma oportunidade.

Formada em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), a professora Maria do Socorro Amorim fez parte da primeira turma que se formou. Ela nos informou que a turma era composta em sua maioria por mulheres e relata que não se tinha ainda um perfil concreto da atuação profissional do sociólogo, deixando-a em dúvida acerca de sua inserção no mercado de trabalho, fazendo-a aceitar o convite que recebeu por intermédio de seu pai para lecionar na Escola Normal de Campina Grande, no ano de 1967, em plena Ditadura que assolou nosso país. Para não ficar desempregada e poder contribuir com a renda familiar, a professora Maria do Socorro Rodrigues Amorim se manteve firme na postura de trabalhar fora de casa e se inserir em um quadro de mulheres que optaram sair da dependência total do marido.

Porém, quando foi questionada em nossa entrevista sobre “se fosse possível voltar no tempo se ela seguiria o mesmo caminho”, ela enfatiza que não, pois hoje o que vemos na educação é uma constante desvalorização da profissão e um perfil de discentes diferentes de sua época, a violência e a falta de salário digno a desmotivariam a entrar nessa área. A postura de “rejeição” evidenciada no discurso da professora é justificada pelo descaso que os

profissionais da área enfrentam e nos é mostrado através de agressões e assassinatos aos quais são vítimas, tanto em nossa cidade como no país como um todo.

A professora Maria do Socorro, além da Escola Normal de Campina Grande, também lecionou no Instituto São Vicente de Paulo, onde não permaneceu por muito tempo por não se identificar com a faixa etária dos alunos e, quando nasceu o seu primeiro filho, usou de pretexto para não voltar mais a atuar na Instituição.

Mesmo com esse cenário negativo da educação, em sua época de atuação, a professora Maria do Socorro foi capaz através de seu testemunho profissional influenciar outras mulheres que a cercavam como em depoimento anexado nesse trabalho está o reconhecimento de sua ex-aluna da Escola Normal, hoje professora aposentada Maria Tavares Nascimento, de 58 anos, registra o agradecimento pelo incentivo recebido não apenas em sua vida profissional como também pessoal, visto que conseguiu conquistar a aprovação em dois concursos públicos no município de Campina Grande.

A professora Maria Nazareth Tavares diz ter sido um privilégio tê-la como educadora no âmbito psicológico e sociológico e transparece a gratidão de ter tido a atenção e o incentivo da professora Maria do Socorro, que foi uma grande referência em sua vida, conforme mostra a carta em anexo.

A orientadora desta pesquisa, a professora Dr^a Lígia Pereira dos Santos, também foi aluna da Professora Maria do Socorro Rodrigues Amorim, pois estudou na Escola Normal entre 1975 e 1977 e nos falou do ímpar privilégio de ter aulas com a referida professora, inclusive nos informando que foi inspirada na professora quando da escolha do seu curso superior- Ciências Sociais, que também cursou na UFPB, e nos disse que bem jovem afirmou: “Um dia vou ser uma professora assim, igualzinha à Professora Maria do Socorro; competente, responsável, ávida por conhecimento, comprometida com a cidadania.

E, assim, fica claro através dos depoimentos quão grande responsabilidade e influência um docente exerce na prática de sua profissão na vida de todos que o cercam.

1.2 A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE DE GÊNERO

Longe de traçar um perfil exato dos profissionais da educação, pode-se dizer que as mulheres têm sido uma maioria no âmbito dessa carreira, pertencentes a diferentes classes sociais, com diferentes expectativas e objetivos pessoais e que acabam fazendo parte de uma profissão que ainda transita entre o espaço doméstico e o espaço público, uma função materna e a função docente.

O fato de que essa profissão tem sido marcada por um meio feminino significa ter a compreensão de que a categoria gênero é uma esfera importante da estruturação da igualdade e da desigualdade em nossa sociedade, já que “as estruturas hierárquicas repousam sobre percepções generalizadas da relação pretensamente natural entre masculino e feminino” (SCOTT, 1990, p.18).

Prosseguindo com a reflexão de Scott (1990), é fundamental entender que o conceito de gênero constrói as relações sociais, construindo de forma natural uma reciprocidade entre gênero e sociedade, que se efetuam de maneira particular e estão situadas historicamente, pelas quais a política constrói o gênero e o gênero constrói a política (SCOTT, 1990, p.16).

Homens e mulheres são sujeitos ativos na sociedade ao mesmo tempo determinados, pois respondem tanto a determinações como as contradições sociais, portanto a construção de gênero não pode ser vista como um processo unilateral imposto pela sociedade. Vale salientar que o gênero não é uma dimensão única e harmoniosa que representa a sociedade de uma forma geral. “Não só há diferentes proposições em conflito, defendidas por grupos sociais em luta, como há também proposições contraditórias e conflitantes dentro de um mesmo grupo social” (LOURO, 1994, p. 42).

Além de uma categoria biológica, o gênero também é uma categoria histórica. Ser um homem ou ser uma mulher não é apenas um fato estabelecido pelo nascimento, mas desenvolvido e construído por meio de padrões sociais masculinizantes ou feminilizantes, de acordo com as concepções presentes em cada sociedade.

O processo de educação de homens e mulheres supõe, portanto uma construção social- e corporal- dos sujeitos. Implicam na transmissão/aprendizagem de princípios, valores, conhecimentos, habilidades; supõem também a internalização de gestos, posturas, comportamentos, disposições “apropriadas a cada sexo” (LOURO 1994, p. 40).

O papel da mulher na sociedade, em um determinado grupo cultural, não é o produto que ela fez, mas do sentido que conquistam em suas atividades por intermédio de sua interação social concreta. No caso dessa pesquisa, a relação entre educação, profissão, mãe-casa, profissão-escola, apresentada na vida da professora pesquisada demonstra que o exercício profissional é sempre condicionado ao zelo pela prole. Tomar conta dos filhos, preparar aulas.

Ressaltar o aprofundamento sobre o gênero na constituição dessa profissão significa entender que o mesmo não está presente apenas no âmbito doméstico, mas em todos os

sistemas econômicos, políticos e de poder. É uma categoria de reflexão essencial para o entendimento da identidade dessa profissão e de suas profissionais.

Lecionar está vinculado historicamente a uma ocupação socialmente desvalorizada em comparação ao que se convencionou chamar de universo masculino, em que o exemplo de trabalho é tido de forma racional ou técnica no qual se destacam em espaços públicos. O próprio meio de socialização indica que sejam apresentadas as meninas, de um lado os incentivos sociais para que fiquem em suas posições tradicionais de feminilidade, e de outro, as sugestões dos meios convenientes para a escolha da carreira e autoestima.

Dessa forma, as mulheres acabam fazendo tentativas de atender às expectativas de feminilidade, que são vistas como passividade, dependência e domesticidade e a busca pela competitividade do mundo não doméstico do mercado de trabalho, onde acabam se deparando com questionamentos tanto de resistência como de acomodação. O que fica evidente na negação de percorrer o caminho escolhido da professora.

CAPÍTULO II

UM BREVE HISTÓRICO DA ESCOLA NORMAL

Entender um pouco da história da educação nos permite, como profissionais da área, um conhecimento do passado de uma forma geral do início dessa profissão. Apenas saber o que aconteceu no passado não implicará em ter uma atitude diferenciada, mas contribui de forma elevada para que tenhamos uma postura crítica e reflexiva.

Para compreender um pouco do surgimento da profissão docente aqui no Brasil, nos deportamos a Scheibe e Aguiar (1999) e percebemos que a Pedagogia foi criada depois da preocupação de se formar docentes para atuarem nas escolas secundárias, criando-se, junto às licenciaturas, a antiga Faculdade Nacional de Filosofia, que foi fundada em 04 de abril de 1939 no Rio de Janeiro, pelo então Presidente Getúlio Vargas. A referida faculdade possuía um planejamento curricular que separava Bacharelado e Licenciatura, destinando três anos às disciplinas inerentes ao curso e um ano a disciplinas pedagógicas. Após os três anos de curso, o formando era considerado bacharel e, após os quatro anos, licenciado. Seguindo essa metodologia, o profissional teria duas áreas a serem percorridas: formado como bacharel, o profissional poderia atuar em cargos técnicos da área de educação e, como licenciado, poderia seguir a docência no Curso Normal.

Entretanto, o bacharel ainda não tinha de forma clara a sua função específica de atuação no mercado de trabalho, pois não possuía campo que o encaixasse e o licenciado também não tinha uma posição específica, pois, para obter o diploma de licenciado, bastava ter qualquer curso superior. Esses são alguns problemas apontados por Silva (2006, p. 63) que afirma que “em sua própria gênese o curso de pedagogia já revelava muitos problemas que o acompanharam ao longo do tempo”.

Em 1962, através do parecer da CFE, N. 251/62, foram feitas alterações no currículo do curso de Pedagogia, quanto à duração do curso e à implantação para formação de bacharel em cinco disciplinas obrigatórias: Psicologia da Educação, Sociologia Geral da Educação, História da Educação e Administração Escolar. Quem quisesse obter o título de licenciado, além das cinco disciplinas obrigatórias citadas, teria mais um ano de Didática e Práticas do Ensino.

Porém, no ano de 1969, aboliu-se a distinção entre Bacharelado e Licenciatura e foram criadas as habilitações, de acordo com o que determinava a Lei 5540/68. Eram elas: Ensino das disciplinas e atividades práticas dos Cursos Normais, Orientação Educacional,

Administração Escolar, Supervisão Escolar e Inspeção Escolar. O objetivo da mudança era estabelecer uma identidade a ser desenvolvida por cada profissão.

Não há dúvidas que o parecer de 1969 atendia ao projeto político da Ditadura, pois a reorganização da Grade Curricular trouxe uma fragmentação à formação docente, dividindo o curso em duas etapas distintas: a modalidade para formação pedagógica e as habilidades específicas.

No período de 1978 e 1999, a Pedagogia passou por um ciclo de revisão construída pelos próprios integrantes da educação. Registramos nessa época um encontro que aconteceu em Belo Horizonte pela Comissão Nacional dos Cursos de Formação do Educador o qual tinha como ideia principal que a “docência constitui a identidade profissional de todo educador”.

No ano de 1998, resistindo aos questionamentos de sua existência e identidade, o curso de Pedagogia foi mantido e reformulado pelo MEC através do ofício circular nº014/98.

Prosseguindo em 1999, surgem os decretos presidenciais no tocante às funções do curso de Pedagogia. Esse período para Silva (2006, p. 93) “se diferencia dos demais por predominarem documentos que representam um deslocamento do poder de decisão do âmbito do Conselho Nacional de Educação (CNE) para a presidência da República”. Percebia-se em tais decretos a tentativa de identificar os limites da função do curso de Pedagogia.

Nesse contexto conciso de percorrer a história da Educação e da Pedagogia, percebemos que a ênfase da formação profissional era a docência. Porém, no mundo contemporâneo, sabemos que a identidade do pedagogo está sendo moldada a cada dia devido ao seu leque de atuação no mercado de trabalho. Hoje, a educação não é vista apenas como algo definido dentro de um espaço escolar; esse é apenas um tipo de educação, mas várias outras nos cercam e perpassam os muros da escola fazendo assim com que existam várias pedagogias. Segundo Libâneo (2001, p. 24) “se há muitas práticas educativas, em muitos lugares e sob várias modalidades, há por consequência, várias pedagogias”.

Hoje, o pedagogo pode atuar desde a área hospitalar até a empresarial e, dentro da sala de aula, não existe mais aquele conceito de que quem detém o conhecimento absoluto é o professor, sabemos que o aluno não é uma folha em branco, ele começa a aprender desde que nasce, e chega à escola para trocar experiências e crescer com o professor, é uma relação mútua.

2.1 CONHECENDO A ESCOLA NORMAL

A primeira Escola Normal na Paraíba surgiu no século XIX e foi instalada em 1885, na província e na capital. Durante os anos de 1928 e 1930, “foram equiparados à Escola Normal o Instituto Pedagógico de Campina Grande e o Colégio N. S. do Rosário, de Alagoa Grande” (MELLO, 1956, p. 92).

O nascimento da Escola Normal, em um contexto geral, é descrito por Araújo (2010, p. 48) que em sua tese demonstra o conceito de Escola Normal e seu progresso:

É de origem francesa a nomenclatura Escola Normal, com o significado de instituição escolar destinada ao treinamento, preparação específica de professores com o intuito de estabelecer, manter e difundir padrões e normas com vistas à legitimação da arte de ensinar. Dessa forma foi institucionalizado um modelo escolarizado de formação de professores. [...], cercado pelo cenário iluminista e pelos princípios da Liberdade, Igualdade e de Fraternidade fortemente propagados pela Revolução Francesa. O objetivo da formação e preparação desses profissionais era para que atendessem as estratégias para universalização do modelo de ensino europeu. Sob essas matrizes, sua organização esteve articulada com as promessas de universalização do ensino e de solucionar os problemas inerentes ao ensino elementar.

A origem da Escola Normal no Brasil também vem agregada ao modelo educacional europeu, com orientação francesa. A influência do Iluminismo trazia, em sua bagagem, expressões como “progresso” e “civilização” para que o sujeito tivesse desenvolvimento, moral e intelectual.

A Escola Normal realizou uma “disseminação dessa modalidade de formação no Brasil” (FREITAS et al, 2008, p.11), o que gerou um avanço educacional na região em que era implantada e consolidada. A formação de docentes com a institucionalização da Escola Normal ficou mais democrática, pois os espaços educativos foram ampliados e, como consequência, houve uma maior inserção da sociedade no processo de formação, porque devido à ideologia social, política e hierárquica da época, não se aceitava a ascensão dos menos favorecidos.

Podemos notar que essa Escola Normal foi um passo para emancipação da mulher na época, local onde podiam socializar e enxergar um novo caminho que não fosse precisamente o altar para casar, o lar para cuidar e filhos para criar, pois “o casamento e a maternidade eram efetivamente constituídos como verdadeira carreira feminina. Tudo que levasse as mulheres a se afastarem desse caminho seria percebido como um desvio da norma” (LOURO, 2002,

p.454). Portanto, serviram para proporcionar a formação dos professores primários e, como destaca Tobias (1986, p.144),

Arrancaram as mulheres de seu enclausuramento, elevando-as, instruindo-as e delas fazendo as primeiras professoras do Brasil; além disso, ofereceram-lhes oportunidade de serem úteis ao próximo, de se realizarem, de trabalharem fora, capacitaram-nas a melhor educar seus próprios filhos e deram-lhes pela primeira vez instrução de grau médio, fato jamais acontecido no Brasil, ainda mais de maneira oficial e sistemática.

A Reforma de Leôncio de Carvalho, em 1879, sob o Decreto de número 7.247, de 19/04/1879, direcionou a institucionalização das Escolas Normais e permitiu que o governo central criasse e subsidiasse Escolas Normais nas Províncias.

Os acertos para o progresso educacional foram acontecendo, de forma que, nos anos de 1951 a 1956, no Governo de José Américo de Almeida, a Paraíba dispunha de 19 Escolas Normais. Segundo Mello (1956, p 146), “No quinquênio findo, dezenove Escolas Normais funcionavam em todo o Estado, sendo 12 do primeiro ciclo e 7 do 2º, ou Cursos Pedagógicos. Todas elas receberam subvenções do Estado”. Pela Legislação da época, o formato do Ensino Normal da Paraíba estava nos moldes da Lei nº 722, de 4 de janeiro de 1952, pois:

A Lei nº 722 de 4 de janeiro de 1952 que criou a Superintendência do Ensino Normal e a de nº 850, de 6 de dezembro do mesmo ano, estruturou definitivamente, em novos moldes, as bases desse ensino, uniformizando-o de acordo com os das outras Unidades Federadas. Serviu-lhe de padrão o Instituto de Educação do Distrito Federal. [...] Promovido pela Secretaria da Educação, com a colaboração do Instituto, o “Tríduo Pedagógico”, realizado em novembro de 1955, constituiu o início duma nova etapa do ensino normal do Estado. (MELLO, 1956, p. 145).

Percebemos que o Estado da Paraíba elabora as próprias leis, em observância ao Decreto-lei de nº 8.530, de 02/01/1946 – “Lei” Orgânica do Ensino Normal.

2.2 A ESCOLA NORMAL EM CAMPINA GRANDE FECHA AS CORTINAS DO PEDAGÓGICO

A Escola Normal Pe. Emídio Viana Correia está situada na Avenida Severino Bezerra Cabral, no bairro do Catolé. Sua fundação se deu na data de 08 de abril de 1960, com o nível de ensino médio na modalidade Normal, funcionando nos três turnos.

A primeira turma a se formar foi em 1966, tendo como diretor Estácio Tavares. A escola, antes de funcionar no prédio atual, passou por várias instituições como no Sólton de Lucena, que funcionava apenas com uma sala de aula, secretária e direção. De lá foi transferida para o Estadual da Prata, local onde começou suas atividades com 25 alunos, chegando a um total de 300 alunos. Na sequência, veio para o Anita Cabral, sendo esta a última escola antes de se instalar no seu prédio próprio, no dia 10 de maio de 1970, ano de sua inauguração. A Escola Normal foi reconhecida e autorizada para funcionamento pela Lei de nº 2229, publicada no Diário Oficial do Estado da Paraíba, em 08 de abril de 1970, com a denominação de Escola Normal Estadual. Alguns anos mais tarde, ela foi denominada de Escola Normal Estadual Pe. Emídio Viana Correia.

A Escola tinha por objetivo formar professores capazes de atuar no ensino fundamental (do primeiro ao quinto ano) e a sua prevalência para escolha desse curso era de público feminino. Porém, o mercado de trabalho hoje já não abre mais espaço para esses profissionais, tendo em vista que os editais atuais de concurso municipais têm exigido o curso superior de Pedagogia e não apenas o técnico.

Em entrevista concedida pelo vice-diretor da Escola Normal, Senhor Valdez, a Escola Normal infelizmente passou por uma transição, depois de formar centenas de educadoras, depois de ter contribuído para inserção da mulher no mercado de trabalho, ela encerra o seu Curso Normal Pedagógico por não haver mais espaço para tal no mercado de trabalho.

O projeto atual para Escola é que ela ofereça neste ano de 2016, cursos voltados para área Tecnológica, agregado ao Curso Técnico de Eventos que, atualmente, já vem sendo oferecido pela Instituição. Haja vista que, a partir do ano de 2009, passou a oferecer no turno da noite, o Curso Técnico Integrado em Eventos, sendo extinto o Curso Normal noturno.

Encerra-se assim uma página da história da educação feminina e abre-se outra, pois o contexto do mercado de trabalho que hoje a educação está inserida é diferente, tornou-se mais exigente e as alunas não querem se submeter a anos de estudo para terem em suas mãos apenas um certificado de um Curso Técnico que não trará um retorno financeiro, haja vista que, para atuarem nessa carreira, teriam que após o término do Pedagógico, passar pelo processo seletivo do vestibular, o que torna realmente o curso obsoleto, segundo o diretor da referida escola.

Sem contar, como ressaltou o próprio entrevistado, as facilidades que hoje nos deparamos para adentrar em uma Universidade, pois o curso de Pedagogia em Campina Grande é oferecido pela Universidade Estadual, Federal e UVA, e com a modernização ainda

se tem a possibilidade da graduação a distância. Enfim, percebemos assim um leque de opções para se investir na carreira e buscar realização do sonho profissional.

Ainda nos deparamos com situações irregulares de algumas escolas particulares que contratam pessoas apenas porque “têm jeito com criança” e não possuem a qualificação e o conhecimento necessários para atuarem em sala de aula, desvalorizando assim os profissionais que se dedicam e buscam a capacitação para a docência, tal fato é lamentável.

Podemos então analisar esse novo cenário do mercado de trabalho como positivo, pois, de certa forma, tenta coibir e valorizar mais a profissão do professor com formação especial.

A professora Maria do Socorro Amorim pode dizer que ajudou a traçar as linhas da história da Escola Normal pela sua contribuição como uma profissional dedicada e ainda presenciar esse novo cenário que vem se desenhando atualmente, podendo contemplar de forma nítida os passos de um novo rumo na educação, porém sem negar a grande contribuição da Escola Normal que foi pioneira na formação para o exercício do Magistério.

CAPITULO III

METODOLOGIA

Foi realizada para essa pesquisa uma abordagem qualitativa, através da qual se percorre um processo investigativo e a partir do qual o pesquisador precisa manter um contato direto com o seu objeto de estudo.

Ressaltando que o presente trabalho teve como objetivo traçar aspectos históricos da Escola Normal de Campina Grande junto à história de vida da Professora Maria do Socorro Rodrigues Amorim, realizando para isso, além da pesquisa bibliográfica, um trabalho de pesquisa de campo, onde entrevistamos a referida docente, e o vice-diretor da Escola Normal, percorrendo assim caminhos da pesquisa qualitativa para melhor abordar a temática. Também, para a elaboração da pesquisa, foi necessário o desenvolvimento e aplicação de roteiros, questionários, organização de dados coletados e registros fotográficos.

3.1 A PESQUISA QUALITATIVA

A abordagem qualitativa representa um processo investigativo que requer uma ampla pesquisa de campo, onde o pesquisador precisa manter um contato direto com o seu objeto de estudo. Ludke Menga (1986) afirma que, dentro dessa abordagem, devemos estar atentos a todas as etapas desse processo de investigação, pois,

O estudo qualitativo [...] é o que se desenvolve numa situação natural, é rico em dados descritivos, tem um plano aberto e flexível e focaliza a realidade de forma complexa e contextualizada. (LUDKE MENGA, 1986, p.18).

A pesquisa qualitativa nos proporciona compreender o objeto de estudo em sua profundidade, por existir um maior envolvimento do pesquisador com o processo do trabalho. No que diz respeito à coleta de dados, o pesquisador pode escolher entre uma gama de opções.

Com esse tipo de abordagem existe um estímulo para que o sujeito responda de forma livre e espontânea, por ter uma característica exploratória, o que de fato contribuiu de maneira significativa para o presente estudo. Por esses motivos, elegemos a pesquisa qualitativa como mais adequada para o caminho investigativo da nossa pesquisa.

Fizeram parte da elaboração desse presente trabalho o planejamento de entrevistas, elaboração de roteiros, organização e análise dos dados coletados e registros fotográficos com o intuito de contribuir na formação do conteúdo estudado nesse campo educacional.

Mais do que cumprir com uma formalidade através de uma metodologia, pudemos, através dos relatos que foram procedidos na pesquisa, dar a oportunidade para que outras pessoas refaçam o caminho da pesquisa e, com isso, possam avaliar de forma mais plena as afirmações contidas no trabalho.

Com base em uma metodologia qualitativa, a quantidade de sujeitos que irão ser abordados para compor o quadro de entrevista dificilmente pode ser determinada de forma prévia, essa quantidade específica dependerá da qualidade das informações obtidas em cada depoimento. No caso deste trabalho, foram coletadas duas entrevistas tornando satisfatório para esclarecer as questões abordadas.

A partir da coleta dos depoimentos, as informações vão sendo organizadas e o material de análise torna-se mais concreto, sabendo-se que o retorno para qualquer esclarecimento ou aprofundamento de algum dado é perfeitamente cabível.

Como diz Zaia Brandão (2000, p. 8), entrevista é trabalho e como tal “reclama uma atenção permanente do pesquisador aos seus objetivos, obrigando-o a colocar-se intensivamente à escuta do que é dito, a refletir sobre a forma e conteúdo da fala do entrevistado”. E isso requer tempo e dedicação para que possamos atentar minuciosamente as gravações realizadas,

Uma das características dessa metodologia é a situação de contato, em que o pesquisador e o sujeito tornam-se parte integrante da situação de análise, a forma e o local em que acontece a coleta de dados influencia de maneira significativa o resultado da mesma, procurar propor um ambiente tranquilo como a residência do entrevistado é uma boa opção já que favorece a comodidade do mesmo, deixando-o assim mais tranquilo e aberto para o diálogo e as respostas necessárias da investigação.

Tratou-se também, nesse trabalho, da coleta de um material complementar que foi enviado através de uma carta. Apesar de não constituir o foco central, foi parte significativa desta pesquisa, a qual se encaixou como estratégia de investigação, fazendo parte das pessoas ligadas ao universo investigado.

Quando realizamos uma pesquisa, ela sempre terá uma característica de um relato realizado por um sujeito cujo olhar procura lugares por vezes já vistos antes. Nada de absolutamente original, porém, um modo diferente de analisar e pensar sobre um determinado tema a partir de uma experiência e de um conhecimento que são pessoais.

De uma forma geral, no processo da pesquisa, alguns questionamentos surgem de forma imediata, enquanto outros vão surgindo no decorrer do trabalho de campo. Para que possamos solucionar tais questionamentos, somos levados a um trabalho de reflexão em torno dos problemas encontrados, dificuldades e erros cometidos.

A pesquisa que gerou as reflexões contidas nesse trabalho teve como objetivo o estudo do contexto do mundo feminino sobre família, educação e inserção no mercado de trabalho. Desta forma, a escolha dos entrevistados que fizeram parte desse processo investigativo, estava totalmente vinculada à necessidade de compreender as práticas desse universo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos, no decorrer deste trabalho, reconhecer a importância da contribuição feminina na educação, através da vivência educacional da Professora Maria do Socorro Rodrigues Amorim, atualmente aposentada. Os relatos orais e os registros fotográficos (ver anexos) propiciaram uma vivência valiosa e significativa. O intercâmbio entre o passado e o presente abriram um leque de reflexões sobre o processo da educação e profissionalização feminina.

Os depoimentos coletados para essa pesquisa nos leva a refletir sobre a visão do gênero feminino como uma questão de cidadania, de luta e de vitórias conquistadas, desmistificando um conceito de que a mulher é um sexo frágil e inferior, percebemos que a mulher tem uma grande força e é capaz de superar limites e barreiras, a mulher é capaz.

Refletir sobre o papel conquistado pela mulher na sociedade é importante para que o preconceito que permeia as relações do gênero feminino sejam no mínimo repensadas e que em um futuro não tão distante possamos vivenciar direitos justos em uma sociedade não opressora.

A professora referida no trabalho transmite, através de sua carreira, a influência que gerou na vida de outras mulheres que também superaram limites e escolheram a docência como profissão, sendo vista como exemplo para suas alunas que registraram, através de depoimentos, gratidão pela vida da mesma.

Assim, abranjo o desejo que os docentes contemporâneos tenham noção da responsabilidade de encarar sua profissão como meio de transformação social, profissional e pessoal na vida de seus discentes. Tal formação, voltada num estudo baseado na questão de gênero como cidadania, amparada pelo contexto social e a visão de mundo atual, coopera significativamente para uma vivência de inserção de todos e todas na sociedade.

Acreditamos que os pilares da educação podem influenciar de forma positiva a vida do ser humano, tornando-o um ser pensante e reflexivo, capaz de transformar sua própria realidade. É nosso dever como profissionais da educação trabalharmos para que a sociedade entenda a igualdade de gênero como algo educativo, que a mulher influencia e afeta toda a sociedade, que ela pode e deve ser uma geradora de renda, digna de qualidade de vida, infraestrutura, condições sociais justas, longe dos resquícios da violência do patriarcado. A mulher pode e deve ter o apoio da família e de todos a sua volta e poder atuar nas diferentes áreas de conhecimento.

No âmbito da educação, ainda existem várias lacunas a serem preenchidas, para que tenhamos uma profissão digna e reconhecida com o devido valor, mas não podemos desanimar com os obstáculos encontrados no caminho, pois o que move a vida é a superação e a esperança de que podemos contribuir de alguma forma para um amanhã melhor.

A educação é princípio de tudo, o conhecimento é que leva o ser humano a querer uma transformação de sua realidade. Enfim, essa abordagem é apenas mais uma dentre inúmeras possibilidades de discutir as questões da educação e da mulher como profissional, e outros olhares poderão ser lançados sobre a história da profissão feminina e da pedagogia.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Rose Mary de Souza. *Escola Normal na Parayba do Norte: movimento e constituição da formação de professores no século XIX*. Tese de Doutorado. UFPB: João Pessoa, 2010.
- BRUSCHINI, Cristina, AMADO, Tina. *Estudos sobre mulher e educação: algumas questões sobre o magistério*. Cadernos de pesquisa, São Paulo: Cortez; Fundação Carlos Chagas p.11, 1988.
- CERISARA, Ana Beatriz. *Professoras de educação infantil: entre o feminino e o profissional*. São Paulo: Cortez, v. 98, 2002. (Coleção Questões da Nossa Época).
- CAMBI, Franco. *História da Pedagogia*. São Paulo: UNESP, 1999. p.35-37.
- FREITAS, Anamaria G.B.et al. A guisa de um inventário sobre as escolas normais no Brasil: o movimento histórico- educacional nas unidades provinciais/ federativas (1835-1960). In: ARAÚJO, José Carlos, Souza. et. al. (Orgs.). *As escolas normais no Brasil: do Império à República*. Campinas, São Paulo: Alínea, 2008. p.11-27.
- JOFFILY, José. *Anayde Beiriz: Paixão e Morte na Revolução de 1930*. Rio de Janeiro: CBAG, 1980. p.43.
- LIBÂNEO, José Carlos. *Pedagogia e Pedagogos, para quê?*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: DEL PRIORE, Mary (Org.) *História das mulheres no Brasil*. 6 ed. São Paulo: Contexto, 2002.
- LUDKE, Menga. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.
- MELLO, José Batista de. *Evolução do Ensino na Paraíba*. 2. ed. Imprensa Oficial. João Pessoa, Paraíba, 1956.
- SCOTT, Joan W. *Gênero: Uma Categoria Útil para a Análise Histórica*. Traduzido pela SOS: Corpo e Cidadania. Recife, 1990.
- SCHEIBE, Leda. AGUIAR, Márcia Ângela. Formação de profissionais da Educação no Brasil: O curso de pedagogia em questão. *Revista e Sociedade*, ano XX, nº 68, dez. 1999.
- SILVA, Carmem Silva Bissolli da. *Curso de Pedagogia no Brasil: história e identidade*. 3. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2006.
- SOIHET, Raquel. “Pisando no ‘sexo frágil’”. *Revista Nossa História*, ano 1, nº3, p. 14-20, jan.2004.
- TOBIAS José Antônio. *História da educação brasileira*. 4. ed. São Paulo: IBRASA, 1986.
- BRANDÃO, Zaia. *Entre questionários e entrevistas, família & escola* In: NOGUEIRA, M.A.; ROMANELLI, G; ZAGO, N (orgs). Rio de Janeiro: Vozes, 2000 p.08.

APÊNDICE A – Entrevista realizada com a professora Maria do Socorro Rodrigues
Amorim

1-Ano de nascimento?

Nasci em 1941, e hoje estou com 73 anos.

2-Quais as instituições que a senhora estudou?

Sai do Município de Galante e vi para Campina grande, onde fiz o pedagógico na escola das DAMAS, e em seguida prestei vestibular e passei para o curso de Sociologia na UFPB, foi à primeira turma da minha época, onde em sua maioria era composta por um público feminino.

3-O que motivou a senhora a escolher essa profissão e essa área de atuação?

Em minha vida o que surgiu foram as oportunidades para que eu trabalhasse nesse ramo, eu tinha o pedagógico e já era professora primária, e quando eu me formei surgiu à chance de lecionar para os alunos da escola Normal que na época funcionava no Anita Cabral, isso se deu no 2º semestre do ano de 1967, onde se tinha por diretor o professor Fernando Silveira; a escola Normal não tinha uma sede fixa, e por muitos anos migrou muito de local, a unidade que se encontra hoje no catolé foi inaugurada em 1970 e o seu Diretor era Dr. Estácio Tavares.

4-Quanto tempo à senhora passou no exercício da profissão?

Lecionandos foram 30 anos, e mais 12 anos atuando na curadoria do Ministério Público.

5-A senhora casou com quantos anos? Quantos filhos teve?

Eu me casei em fevereiro de 1967, e em julho comecei a trabalhar. Tive três filhos.

6-A profissão afetou sua vida particular? Como conciliou trabalho e os afazeres de mãe e esposa?

Era muito difícil, pois eu tinha que deixar os filhos com a minha mãe ou com a empregada e sempre foi assim, os filhos foram mais da empregada do que meu, porque primeiro vinha minha obrigação. Moramos um tempo com a minha sogra, não foi fácil. Mas o meu marido sempre me incentivou a ter minha profissão e o meu dinheiro.

Eu tinha muitas turmas, ensinava a semana toda, de manhã e de tarde, ensinava à tarde porque precisava completar a carga horária, tinha um tal de T40, e eu só tinha 32 aulas, daí eu tive que ir para tarde completar, e era para ensinar matérias diferentes das minhas, eu não almoçava em casa. Eu morava na época por trás do colégio Estadual da Prata, aí almoçava na casa de uma prima minha no catolé, esse horário eu cumpri por dois anos, mesmo assim em que horário eu via os meus meninos? Só à noite e muitas vezes quando eu chegava em casa eles já estavam dormindo. Com tudo isso eles nunca reclamaram.

7-A senhora encontrou alguma dificuldade na sala de aula no início da sua profissão? Elas ainda existem hoje?

Eu não era professora fácil não, aluno comigo tinha que prestar atenção, colaborar, tinha que estudar. Eu me estressava muito em dias de prova, é tanto que eu dizia que eu perdi três anos de minha vida, um dia para elaborar a prova, outro para aplicar e outro para corrigir a prova, porque eu não admitia fila, porque eu nunca filei, e os meus alunos filavam muito por esse motivo eu elaborava vários tipos de prova, A, B, C e D, mas não tinha jeito eles sempre arranjavam uma maneira... Teve uma aluna, ela gostava de mim... Que terminou a prova me entregou e saiu andando, e eu fui para a carteira dela e me sentei e vi que a carteira dela estava toda rabiscada; e eu deixei um bilhetinho para ela, ela viu e ficou com tanta vergonha, me pedindo perdão dizia que nunca mais ia esquecer aquilo, e eu disse que ela não deveria ter feito aquilo até porque o que ela havia escrito ali não caiu na prova...

8-Gostaria de relatar algum acontecimento marcante (um fato engraçado, por exemplo) de sua carreira?

Se eu me lembrasse era muito bom... (risos), com certeza teve sim vivi muitas coisas interessantes no decorrer de todo esse tempo, mas acho que só vou lembrar daqui uns cinco dias... Não estou preparada para responder (risos).

9-Como é a senhora vê a relação professor-aluno no tempo de sua atuação e nos dias atuais?

Os professores hoje são outros não tem comparação, em minha época as coisas eram mais rígidas, estamos em outra geração para você ter uma idéia eu tive alunas que se formaram professoras e já se aposentaram.

Na minha época não tinha a tecnologia de hoje, não tínhamos celulares, computador, gravadores, nada disso.

Eu não admitia falta de respeito, se o aluno gostasse de fumar, por exemplo, eu dizia lá fora aqui dentro não, hoje em dia tudo é diferente, acho que levaria até uma surra dos alunos...

Você tem que levar em consideração que naquele tempo também o custo de vida não era tão alto, que os transportes não eram tão lotados como hoje, a violência não era tão acentuada, ainda conseguíamos ir a pé para alguns lugares sem medo de assalto.

10-A senhora tinha autonomia para decidir sobre o conteúdo e a metodologia das suas aulas?

O planejamento fazíamos em conjunto com os professores das outras áreas, das ciências humanas e sociais, sempre combinávamos de estar dentro da matéria um do outro, já era interdisciplinar.

Nada jamais pode ser separado, a matemática precisa do português e assim por diante, se você souber fazer isso até estira sua aula, também tem a questão da improvisação, as vezes você faz um planejamento belíssimo e um aluno faz uma pergunta em que você toma outro rumo, então ensinar não pode ter uma exatidão, temos que trabalhar com uma certa flexibilidade.

APÊNDICE B - Entrevista realizada com o vice-diretor da Escola Normal: José Valdez

Barbosa de Lima

- 1- O seu nome completo e a sua função na Escola?

José Valdez Barbosa de Lima e atuo como vice-diretor.

- 2- Há quanto tempo o Senhor trabalha na Escola?

Desde 2008

- 3- Qual a data de fundação da Escola Normal em Campina Grande?

Ela foi criada em 08 de abril de 1860, certo, com ensino médio na modalidade normal funcionando os três turnos, só que no ano de 1970 ela teve a inauguração da sede própria, que é essa que nós estamos aqui, na Avenida Bezerra Severino Cabral, de lá pra cá ela tem se mantido aqui nesse local, iniciou com o curso Normal pedagógico e hoje temos além do pedagógico, o curso técnico em Eventos, que nos tivemos o início desse curso no ano de 2009 e também temos o ensino médio regular, esse ensino médio regular, ele teve seu início, esse ano de 2015 e pra o próximo ano de 2016 a Escola Normal deixará de ser Escola Normal e passará a ser Escola Técnica Profissionalizante, com outros cursos na área do eixo tecnológico.

- 4- Atualmente qual o público alvo que a Escola atende?

É variado, por exemplo, no curso de Eventos ele tem pessoas das mais diversas idades oriundas de outras profissões, por exemplo, pessoas que já tem suas profissões definidas, pessoas que já tem até formação superior. Já o Normal pedagógico as pessoas são mais mulheres, normalmente as que vêm do 9º ano adolescentes de 14,15,16 anos de idade, então esse é o nosso público para a Escola Normal e o ensino médio regular, também são alunos oriundos do nono ano do ensino fundamental.

- 5- Qual a influência que a escola sofreu com a demanda de editais de concurso público exigir o curso superior de pedagogia?

Primeiramente o acesso a Universidade hoje ele se tornou mais fácil, eu diria nós temos hoje além da UEPB, UFCG, UFPB, nós temos as escolas particulares e até mesmo a UVA, que você estuda apenas aos sábados e num espaço até menor do que aqueles

oferecidos por outras Universidades, como a UEPB, por exemplo, o aluno tem condição de estudar e ao mesmo tempo trabalhar, então aqui nós temos um curso Normal pedagógico, onde o aluno tem estudar por quatro anos e é um nível de ensino médio, então isso dificultou...

As alunas não estão querendo mais, porque no lugar de passar quatro anos estudando aqui para ter um curso de nível técnico, ele vai estudar para um nível superior e as prefeituras principalmente hoje nos editais tendo em vista o grande numero de profissionais já com o curso superior preferem fazer essa exigência, e de certa forma prejudicou a nossa escola.

6- Por isso se deve a ampliação dos cursos?

Sim. Porque para você ter uma idéia em 2008 quando eu comecei a lecionar aqui não faz tanto tempo, nós tínhamos mais de 600 alunas matriculadas e desses alunas 100% eram estudantes do curso Normal, hoje temos, se muitos tivermos, não estou com os dados exatos nesse instante, mais algo em torno de 150 alunas, do Curso Normal.

7- As dificuldades enfrentadas hoje pela Escola?

A dificuldade pedagógica hoje é a procura do alunado em relação ao curso Normal pedagógico, tanto é que nós estamos oferecendo outros cursos e também as dificuldades físicas, nós temos uma reforma aqui desde 2011 que não foi concluída e querendo ou não é uma dificuldade para gente, para o bom funcionamento da Escola.

8- Qual a quantidade de alunos matriculados atualmente e quantidade de funcionários que compõem o quadro da Escola?

Temos cerca de 300 alunos, 26 profissionais fazendo parte da equipe técnica e professores temos...

APÊNDICE C - Depoimento de Maria Tavares Nascimento (Ex-aluna da professora Maria do Socorro Rodrigues Amorim)

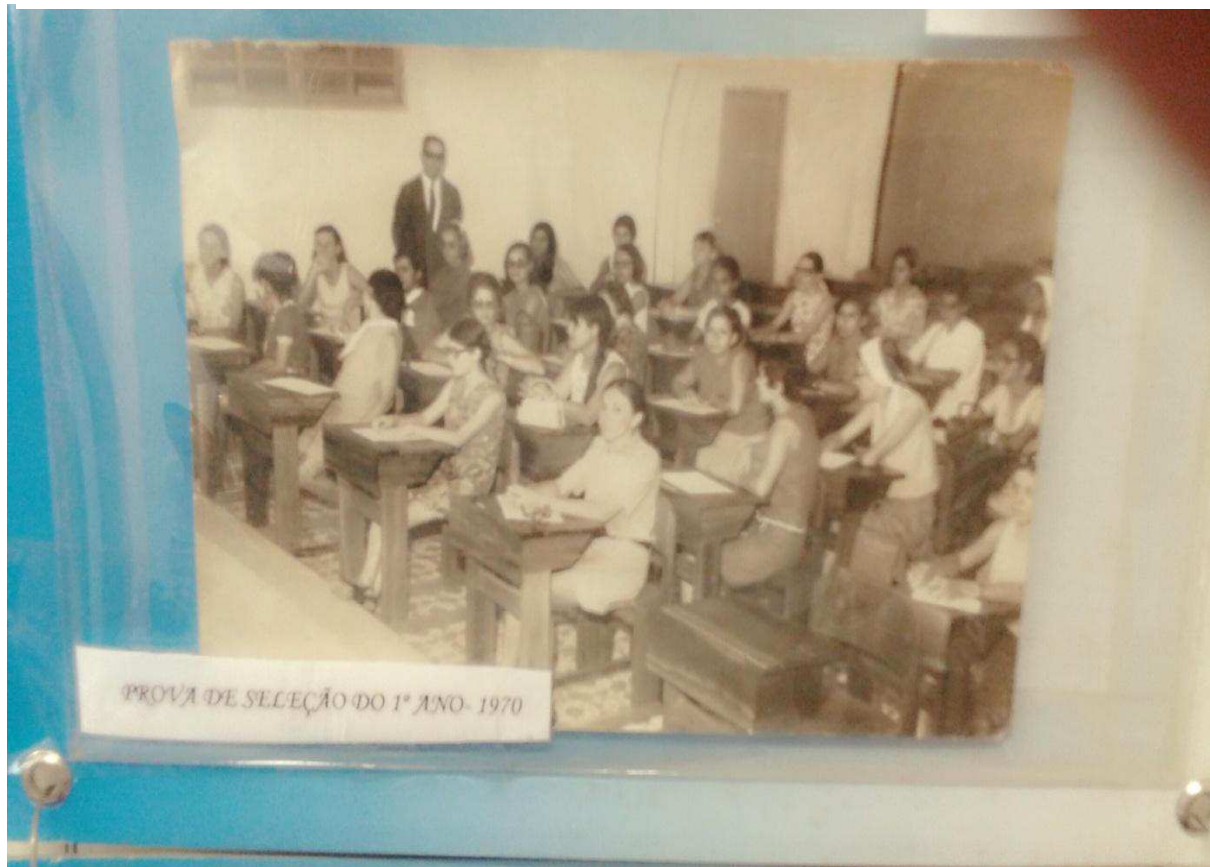
Eu, Maria Tavares Nascimento, 58 anos, residente nas Malvinas, professora a 36 anos, aposentada na rede municipal e no momento atuo como gestora na EEEM Dom Luiz Gonzaga Fernandes, casada, tenho quatro filhos, estou aqui a dar meu depoimento sobre a professora Socorro Amorim, a qual foi minha mestre, mulher de elevadíssima estima e reconhecimento profissional por tantos alunos que tiveram o privilégio de tê-la como educadora no âmbito psicológico e sociológico.

Na minha carreira profissional foi grande a sua influência, me instruindo na formação de um caráter positivo, orientou-me como enfrentar as dificuldades pelas quais passava naquele período, indicou-me como professora em uma escola bem conceituada desta cidade, mas naquele momento estava insegura diante de um universo novo, estava dando meus primeiros passos na profissão, e por isto não consegui permanecer naquela escola, jamais esquecerei aquele gesto solene com o qual a professora me tratou sou grata a mesma pelo estímulo em seguir em frente, fui aprovada em dois concursos públicos.

Para finalizar, o que dizer para a professora? Socorro Amorim, que Deus te abençoe sempre, a você e a todos os da sua família.

ANEXOS

ANEXO A - Prova de seleção



ANEXO B - Turma de 1968

ANEXO C - Dia da Inauguração da Escola



ANEXO D - Desfile do dia da Pátria 1967



ANEXO E - Atual Escola Solon de Lucena



ANEXO F - Estadual da Prata



ANEXO G - UEPB - Centro de Ciências Jurídicas (Antigo Anita Cabral)



ANEXO H - Escola Normal Estadual Pe. Emidio Viana Correia

